

# Estudar a Escola – Perspectiva de um Estudante/Pro

Afixado por luis ricardo - 31/10/06 12:10

Os autores – divertem-se a definir (e contrariar) conceitos e n-los a delimit-los. Neste sentido, de todo, importante clarificar os termos de modo a torn-los mais percept-veis para cada caso particular. Estudar a Escola reflectir sobre um constante jogo de conceitos amb-guos. A tentativa, tamb-m ela constante, de escolher as melhores palavras relacionadas, que se adaptem do melhor modo a realidade do estudo, numa lgica de delimita- dos termos, onde se pode encontrar parte da dificuldade e motiva- para o realizar. Os temas s- vastos e inst-veis que o discurso se pode tornar inesgot-vel. Nada pode ser dado como definitivo ou conclu-do, pois os sujeitos de estudo est- permanentemente em mudan-a pelas mais diversas e inesperadas raz-nes. O trabalho que realizei (disserta- de mestrado) habituou-me a reflex- quase que obsessivas durante todo o tempo. Numa primeira e breve conclus- , retirei que o professor que pretenda envolver-se intimamente com a Escola, tem necessidade deste exerc- cio mental. Mas aten- , parece-me que reflex- em demasia com o necess-rio isolamento que carecem, pode levar-nos a cair na tenta- do – profeta da desgra-a –, contrariando o optimismo que os professores necessitam de demonstrar. Para realizar estudos na Escola, ao n-vel do mestrado, o uso de uma s- abordagem metodol-gica ser-, provavelmente, insuficiente. A extensiva permite-nos obter correla- / tend-ncias, mas n- as causas/motiva- . Se as primeiras forem ao encontro do objectivo do trabalho, fica-se por aqui (mas com a sensa- que um estudo a este n-vel acad-mico mereceria mais). Aparece aqui, a import-ncia da abordagem intensiva, entendendo-se que o melhor conjunto de t-nicas para – desocultar essa caixa negra –, se situam na variante etnogr-fica, que por si s-, tamb-m n- chegar- por raz-nes que se prendem com as d-vidas levantadas sobre a cientificidade do m-todo. Para colmatar esta situa- , a triangula- dos m-todos torna-se fundamental, assegurando deste modo, tamb-m, a validade do estudo (Carmo e Ferreira, 1998).

Bogdan e Biklen (1994) aconselham, que n- se deve fazer investiga- na Escola onde se trabalha, apontando algumas raz-nes baseadas no conhecimento pr-vio que naturalmente se tem do objecto de estudo, podendo existir algum obst-culo epistemol-gico no que se refere ao distanciamento e conhecimento das situa- . Provavelmente, ter-se- o essas dificuldades se os sujeitos do estudo tivessem tido ou prevejam ter, rela- com o investigador. A- sim, existir- constrangimentos em conseguir que esses – confrades – se entreguem de uma forma liberta e descomprometida. Em melhor posi- para estudar a Escola ser- certamente algu-m que a conhea- por dentro, devendo-se ter o devido cuidado na escolha do objecto/sujeito de estudo e dos instrumentos. O conhecimento pr-vio que o investigador tem do tema de estudo poder-, ainda, ser visto como uma vantagem no que respeita a elabora- dos inqu-ritos. N- se poderiam elaborar com efic-cia, sob pena dos resultados n- terem qualquer articula- com a parte te-rica, caso n- se tenha lido primeiro a bibliografia e redigido a fundamenta- te-rica. O investigador neste caso, j- possui, naturalmente, muitas sugest-nes de perguntas. – que – (...) falando de mim mesmo, eu digo a verdade dos outros por procura- – Bourdieu (1992, cit. Vieira, 1998, p. 88). Assim, numa primeira fase (extensiva) encontraremos uma ajuda para nos direccionar para uma segunda fase (intensiva), podendo, aqui, colmatarem-se eventuais faltas de quest-nes, detectadas no decorrer da leitura bibliogr-fica e outras reflex-nes.

## Bibliografia referenciada:

– BOGDAN, Robert; BIRKEN, Sari – Investiga- Qualitativa em Educa- . Porto: Porto Editora, 1994

– CARMO, Hermano; FERREIRA, Manuela M. - Metodologia da Investiga- - Guia para Auto-aprendizagem. Lisboa: Universidade Aberta, 1998

– VIEIRA, Ricardo – Hist-rias de Vida e Etnografia na An-lise das Representa- e Pr-cticas dos Professores – Separata dos Trabalhos de Antropologia e Etnologia Volume XXXVIII (1-2). Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, 1998

=====